Jornal da Cidade
Publicado em 03/04/2022 - 05:52

Empatia, controle emocional, entre outros, estão em alta para o emprego

Pós-pandemia, empresas estão mais de olho no psicológico para empregar

Habilidades comportamentais e emocionais passaram a ser tão valorizadas quanto um bom currículo na hora da contratação

TISA MORAES

Por muito tempo, um currículo recheado de diplomas e cursos foi o principal trunfo de muitos trabalhadores para conseguir um bom emprego. Mas, especialmente por conta da pandemia, as habilidades comportamentais e emocionais dos profissionais passaram a ganhar maior atenção de recrutadores na hora da seleção para uma vaga.

A afirmação é feita por especialistas na área de recursos humanos ouvidos pelo JC. Segundo eles, até por conta da defasagem na educação formal dos indivíduos decorrente da crise sanitária, e que não será superada em curto espaço de tempo, competências como empatia, criatividade, inteligência emocional, flexibilidade, capacidade de comunicação e resiliência passaram a ser tão valorizadas quanto um bom currículo no momento da escolha de um candidato.

"Isso ficou muito claro para as empresas: a pessoa que tem estas qualidades apresenta capacidade de resolver problemas diante de situações de pressão e conflito. Quem tem organização pessoal acaba tendo um diferencial", avalia Gislaine Magrini, titular da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Renda (Sedecon) e que também é psicóloga organizacional pós-graduada em Gestão de Pessoas e especialista em Avaliação Comportamental e Avaliação Vocacional.

Ela conta que estas habilidades, denominadas dentro do segmento de recursos humano como 'soft skills', já vinham ganhando destaque antes da pandemia, porém, o entendimento de que elas são tão importantes quando as competências técnicas - ou 'hard skills' - se intensificou com a crise. "Um profissional com resiliência, inteligência emocional, capacidade para se adaptar aos valores da empresa pode aprender muito mais facilmente a parte técnica do que um trabalhador com boa técnica desenvolver estas competências comportamentais", acrescenta.

'SOFT SKILLS'

Inteligência emocional, resiliência e empatia ilustram essas habilidades

DEFASAGEM

Gerente de Talento e Remuneração da Paschoalotto, Luiza Caixe Metzner avalia que as 'soft skills' também ganharam maior relevância porque, nestes dois anos de pandemia, as corporações perceberam que o nível de formação técnica dos profissionais decresceu, por motivos relacionados, por exemplo, à evasão escolar, dificuldade para aprendizado de forma remota e suspensão de cursos presenciais de capacitação. O problema foi tão grave que, segundo ela, as empresas chegaram a flexibilizar as exigências de escolaridade na hora da contratação.

"O gargalo educacional, que sempre foi grande, acabou sendo intensificado pela pandemia. Assim, qualidades como o olhar curioso para aprender com as experiências, o interesse genuíno pelo outro, a escuta ativa, a capacidade de se adaptar e aprender com as adversidades e o pensamento crítico são desejadas pelas empresas, independentemente do segmento em que atuam. Um profissional pode até não ter estas competências totalmente lapidadas, até porque muitos deles tiveram a saúde mental comprometida durante a pandemia, mas conseguimos identificar potenciais que podem ser explorados", frisa.

AUTODESENVOLVIMENTO

Não significa, contudo, que os trabalhadores não precisem mais investir no aperfeiçoamento de suas aptidões técnicas, com cursos de capacitação, graduação, mestrado, doutorado ou de idiomas, por exemplo. Porém, não devem deixar de lado suas habilidades comportamentais, que também podem ser aprimoradas, conforme explica a professora Claudineia Fernandes, especialista em Psicologia Organizacional, Gestão de Pessoas e Gestão Empresarial.

"O que te fortalece como profissional são suas competências técnicas, mas investir no seu autodesenvolvimento sempre será um diferencial. E cada um deve se observar para identificar e corrigir eventuais lacunas. Há muitos cursos gratuitos que trabalham com isso", completa a especialista.

A Sedecon, inclusive, já oferece capacitações na área, para ensinar profissionais a fazer marketing pessoal, falar em público, ter bom relacionamento interpessoal e agir sob pressão, entre outros.

Fotos: Tisa Moraes

Candidatos precisam se atentar às mudanças; na foto, entrega de currículos no 2.º Gera Bauru

Gislaine Magrini, da Sedecon, comenta esta nova tendência

Luiza Caixe Metzner, gerente de Talento, fala das 'soft skills'

Claudineia Fernandes, docente da área, destaca aprimoramento

Home office e híbrido: modalidades que vieram para ficar

Também como uma tendência forte para o emprego no pós-pandemia, está a necessidade cada vez maior de os profissionais aprimorarem seus conhecimentos tecnológicos. Um dos motivos é a consolidação do home office (teletrabalho) e do modelo híbrido (alternância entre o presencial e o remoto), que se fortaleceram com o distanciamento social imposto pela Covid-19 e permanecerão mesmo quando o fim da pandemia for decretado.

O trabalho híbrido, aliás, ganhou um pacote de regras editado pelo governo federal, por medida provisória, no final do mês passado. "Em Bauru, percebo que o home office se consolidou principalmente entre empresas que trabalham com o desenvolvimento de software. Já na área de comércio, o trabalho ainda ocorre muito mais de forma presencial. Porém, os lojistas, mesmo tendo uma unidade física, estão muito atentos à exposição e venda de seus produtos por redes sociais, como Instagram e Facebook. Então, os profissionais precisam saber usar estas ferramentas para estarem adequados a seus empregos", completa Gislaine Magrini, titular da Sedecon.

Atenta à nova tendência, multidão de desempregados busca recolocação

Com arrefecimento da pandemia, trabalhadores disputam vagas oferecidas pelas empresas e tentam destacar seus diferenciais

TISA MORAES

Em meio a esta tendência de valorização das habilidades comportamentais, uma legião de trabalhadores busca uma oportunidade de emprego em Bauru. Para se ter ideia, nesta quinta-feira (31), cerca de 7 mil pessoas foram até o Teatro Municipal, onde ocorreu a 2.ª edição do Gera Bauru. O evento teve a participação de 24 empresas, que ofereceram mais de 2 mil vagas em diversos setores, como comércio, prestação de serviços e indústria.

A fila em frente ao teatro chegou a dobrar a esquina, repleta de trabalhadores com currículo na mão e esperança em conseguir uma chance de voltar ao mercado de trabalho, com um salário que os ajude a melhorar suas vidas.

Ouvidos pelo JC, eles, que estão há meses passando por entrevistas de emprego, revelaram ter percebido uma maior exigência das empresas em relação às competências comportamentais, junto com a qualificação técnica.

E, dentro de suas possibilidades, estes profissionais têm buscado se adequar às demandas das corporações. Desempregada há quatro meses, a cuidadora de idosos Marli Oliveira Brandino, 59 anos, por exemplo, espera que a maturidade trazida pela vida contribua para que ela tenha alguma vantagem na hora de disputar uma vaga.

"Estou tentando oportunidades em áreas como ajudante geral, produção industrial e até atendente de telemarketing. Com a minha experiência de vida, aprendi a ter responsabilidade, comprometimento, facilidade para me adequar ao trabalho. Com todas as dificuldades que já enfrentei, sei dar valor a um emprego", frisa.

7 mil

Pessoas passaram pelo 2.º Gera Bauru, evento realizado pela prefeitura

Tentando voltar ao mercado há seis meses, Iodasio Francisco de Souza Júnior, 45 anos, conta que tem entregado currículos para várias funções, especialmente no setor industrial. Nas entrevistas, além da exigência de qualificação profissional, os recrutadores, ele diz, têm avaliado os perfis profissionais de forma criteriosa.

"Acredito que isso tenha bastante a ver com este momento, em que pandemia perdeu força. As empresas voltaram a contratar e a concorrência está grande, porque a falta de emprego durou muito tempo. Então, o trabalhador precisa apresentar algum diferencial para ter chance de ser contratado", analisa.

PREJUÍZO EMOCIONAL

Já a jornalista Rafaela Cristina Pantoja Poça, 27 anos, veio há dois meses do Pará para Bauru em busca de novas oportunidades na área de comunicação e marketing, atendimento ao público ou auxiliar administrativo. Ela vê como seu diferencial a facilidade para se comunicar. "Também tenho empatia, que levo para minha vida desde muito cedo. Além disso, quando não estou trabalhando, procuro usar meu tempo para estudar. Isso é muito importante".

Ela pondera, contudo, que todas as pessoas tiveram algum tipo de prejuízo emocional durante a pandemia, o que pode dificultar a exposição destas competências comportamentais no trabalho. Da mesma forma, segundo análise dos especialistas, o distanciamento social também trouxe impactos negativos para a qualificação técnica dos trabalhadores nestes últimos dois anos.

A auxiliar operacional Luciana Souza dos Santos, 36 anos, concorda. "Eu tive prejuízos tanto financeiros quanto emocionais. Estou há três meses enviando currículos, quero muito conseguir um emprego para me sustentar e sustentar minha filha. Apesar de tudo, não perco as esperanças", afirma.

Fotos: Tisa Moraes

Fila de pessoas em busca de vagas no 2.º Gera Bauru, nesta quinta-feira

Rafaela Pantoja Poça com o currículo

Iodasio Francisco de Souza Júnior foi em busca de um emprego

Marli Oliveira Brandino entrega currículo para a auxiliar de RH Letícia Nozor

Bauru gerou 1.750 vagas em 2 meses

Este início de ano registrou volume considerável de novas oportunidades de trabalho em Bauru. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgado pelo Ministério da Economia, somente em janeiro e fevereiro, as empresas do município geraram 1.750 vagas com carteira assinada, sendo que os principais contratantes foram os estabelecimentos do ramo de prestação de serviços. Construção civil, indústria e agropecuária também tiveram saldos positivos. O único desempenho ruim foi o do comércio, com fechamento de 355 postos de trabalho neste início de ano.

Já em 2021 inteiro, foram criadas 5.128 vagas de emprego formal, também puxadas pelo setor de serviços que, sozinho, respondeu por 3.627 do total de postos. Segundo dados divulgados pelo IBGE nesta semana, o desemprego voltou a recuar no Brasil, mas a renda média do trabalhador ainda mostra fragilidade, com queda real de 8,8% em um ano.

No trimestre de dezembro a fevereiro, a taxa de desemprego ficou em 11,2%, que corresponde a 12 milhões de pessoas sem trabalho e que seguem à procura de vagas. Há um ano, o índice era 14,6%, quando a população desocupada era de 14,9 milhões.

A renda mensal média, contudo, foi estimada em R$ 2.511,00, valor que, considerando a inflação, é o menor já registrado nos trimestres de dezembro a fevereiro desde 2012, quando o levantamento foi iniciado.

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Mercado de Trabalho **Pagina:** 8 e 9

Copyright © Clipclap 2025.